

# EU ERA INFELIZ E NÃO SABIA

Samylla Mól



Ilustrações  
Thalma e Lor

## **Eu era infeliz e não sabia**

Autora: Samylla Mól

Ilustrações : Thalma e Lor

Revisão: Fabrício Henrique da Silva Passos

Literatura infanto-juvenil - animais - proteção – direitos

© Samylla Mól 2024

ISBN 978-65-88261-15-6

Titular do ISBN: Procuradoria Geral de Justiça (CNPJ: 20.971.057/0001-45)

Título da obra: Eu era infeliz e não sabia

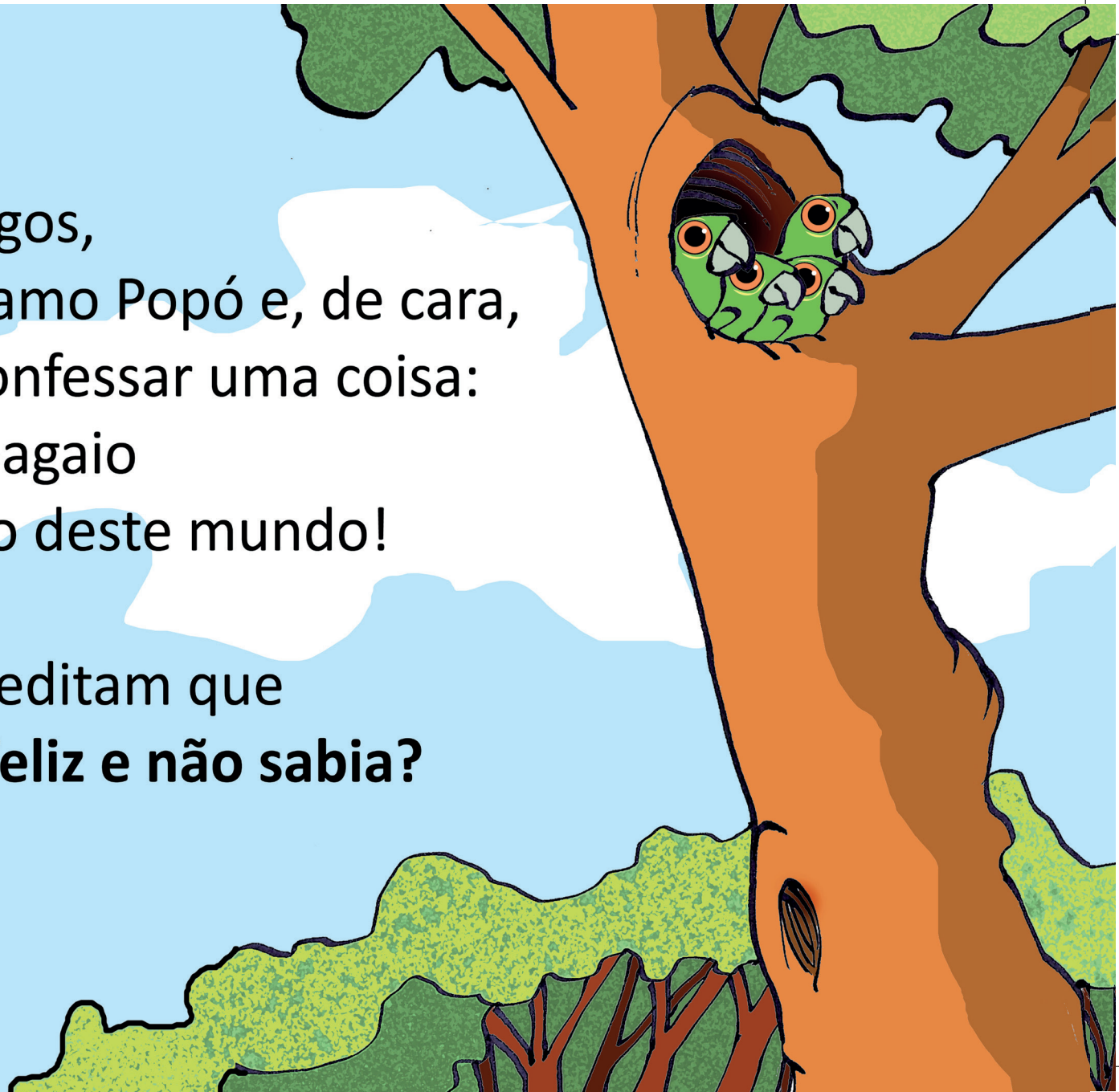
# Eu era infeliz e não sabia



**Samylla Mól**  
Ilustrações Thalma e Lor

Bem, amigos,  
eu me chamo Popó e, de cara,  
preciso confessar uma coisa:  
sou o papagaio  
mais bobo deste mundo!

Vocês acreditam que  
**eu era infeliz e não sabia?**



A colorful illustration of a forest scene. In the upper left, a large tree with a thick brown trunk and dense green foliage is shown. The sky is a light blue color with several white, fluffy clouds. Two green parrots are flying across the sky. The parrot on the left is larger and is shown in profile, flying towards the right. The parrot on the right is smaller and is also shown in profile, flying towards the right. The bottom of the image shows the tops of several smaller trees with green foliage and brown trunks.

Preparem-se  
que eu vou explicar.

Eu nasci no mato, junto com três irmãozinhos. Mamãe fez um ninho gostoso para nos esperar.

Ele era fofinho, confortável e ficava bem no alto de uma árvore, para garantir que nenhum animal predador nos achasse.

Mas... mamãe não sabia que o bicho homem chega a qualquer lugar, quando quer nos capturar.

Um dia, quando mamãe saiu para buscar comida, percebemos um movimento estranho.



## Tomamos um susto!

Um homem, de olhar malvado, nos arrancou do ninho.

Eu e meus irmãozinhos fomos colocados em uma caixa escura e quase sem ar.

Não sei por quanto tempo ficamos ali, assustados, com fome, sentindo falta do ninho e da segurança que a mamãe nos passava. Nos aconchegamos uns nos outros e ficamos bem quietinhos.

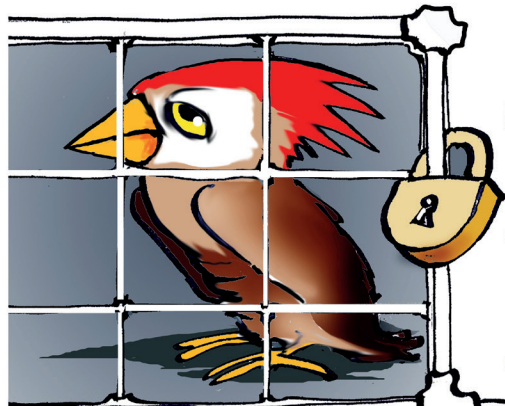
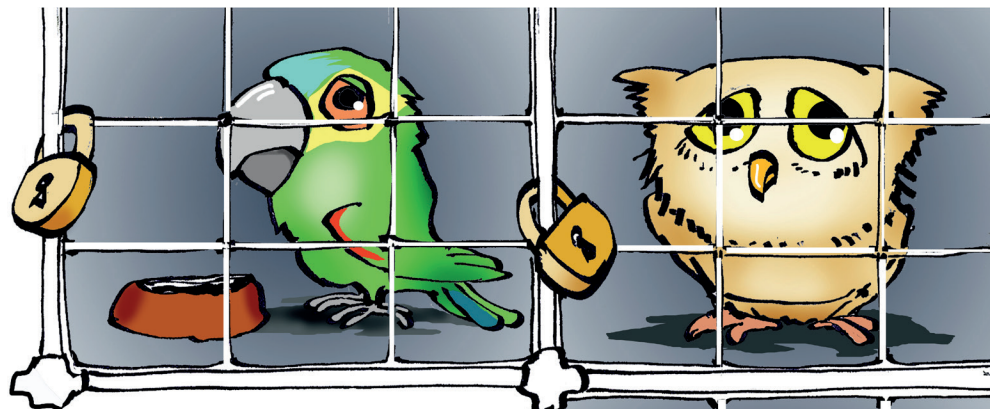


Certa hora vi  
que meus irmãozinhos  
não se mexiam.

Chamei, cutuquei, mas  
eles não responderam.  
Estavam mortos; e eu,  
**sozinho no mundo.**



Triste e cansado, adormeci.  
Só acordei com os  
movimentos da caixa,  
na qual eu estava sendo  
transportado. Fui parar  
num mercado de bichos.



Lá me colocaram numa  
gaiola com muitos outros  
filhotes, todos capturados  
da natureza, retirados do  
ninho e do carinho da mãe,  
como eu.



As pessoas passavam para lá  
e para cá. Muitas crianças  
paravam para nos observar,  
encantadas.  
Mal sabiam elas que  
estávamos infelizes.

Um dia, uma menina de nome Lílian me escolheu e me levou para sua casa.



Com a ajuda do pai, ela cortou as pontas das minhas asas, ainda tão pequenininhas, para que eu não pudesse mais voar e fugir!

Senti vontade de chorar.

Eles, então, me colocaram numa gaiola semiaberta, onde tinha uma lâmpada para me aquecer, uma vasilha de água e outra de comida.

Senti tanto alívio ao saber que ficaria num local aberto que suspirei, inspirando alguma alegria.

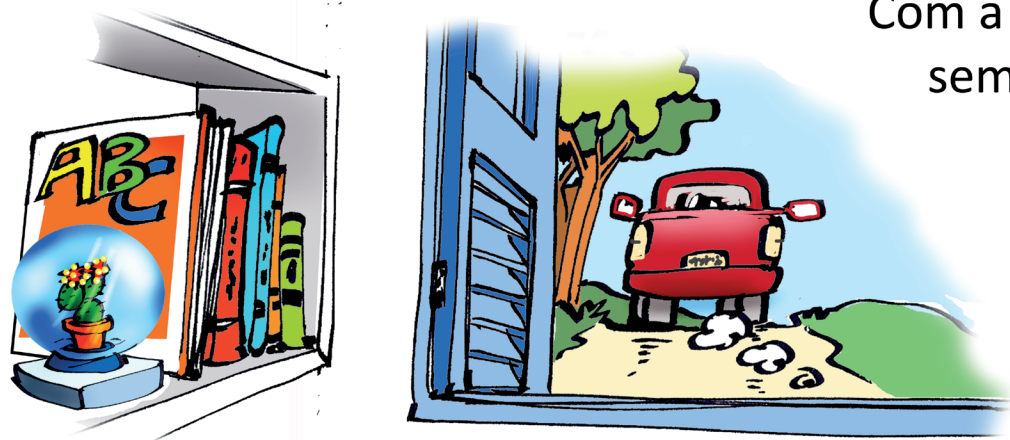
De certa forma, as coisas ficaram boas para mim.  
A tal gaiola ficava na cozinha da casa,  
ou melhor, da fazenda.

De lá eu podia ver a Maria  
cozinhando, picando  
a couve fininha e jogando  
os talos para as galinhas.  
Era divertido.

Quando eu cresci mais  
um pouco, passei  
a ganhar, também, um talo  
de couve para mordiscar.  
A família humana parecia gostar de mim.  
Eles me ensinaram a falar a língua deles  
e riam quando eu repetia os xingamentos aprendidos.



Com o tempo me acostumei àquela vida e pensava que não me faltava nada. Assim vivi por muitos anos. Vi a menina crescer, virar moça e ir estudar na cidade grande. Antes de partir, ela brincou comigo, chorosa.



Com a ausência de Lílian, a casa ficou sem graça por uns dias, mas depois a alegria voltou.

A cozinha estava sempre movimentada, pois a família era grande e havia muitos empregados para comer.



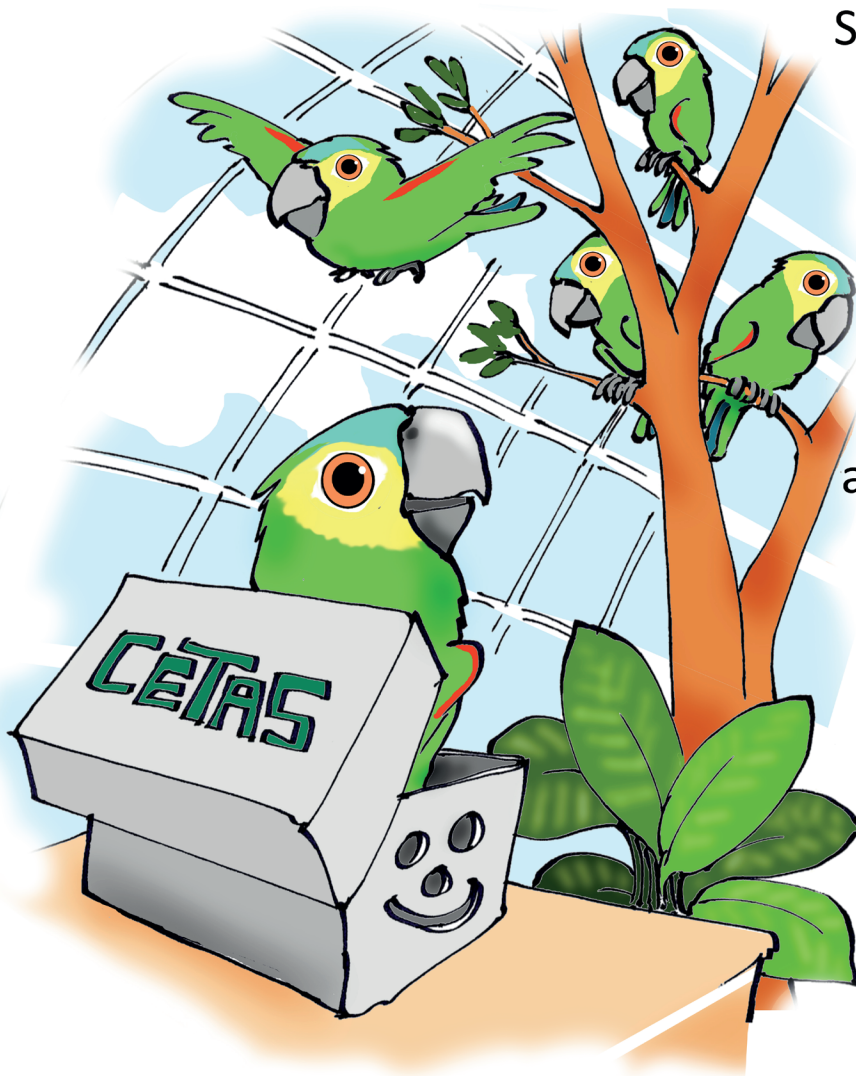
Então, eu nunca estava só. Se não era Maria cantarolando enquanto preparava as refeições, era a mãe de Lílian organizando os serviços da fazenda.

Os anos passaram. A menina Lílian se formou advogada e voltou para a fazenda. A casa ficou em festa, eu também.

Naquele dia fiz graça para o namorado dela, dando voltinhas na gaiola e dizendo todas as palavras que conhecia. Ele ria, ria.

Já no fim da tarde, o jovem casal se aproximou de mim. Maria, minha companheira de cozinha, chorava. Senti um frio na barriga. O que estaria acontecendo? Foi então que Lílian, conversando docemente comigo, me colocou em uma caixa.





Só tive tempo de olhar uma última vez pela janela e ver as galinhas ciscando no terreiro.

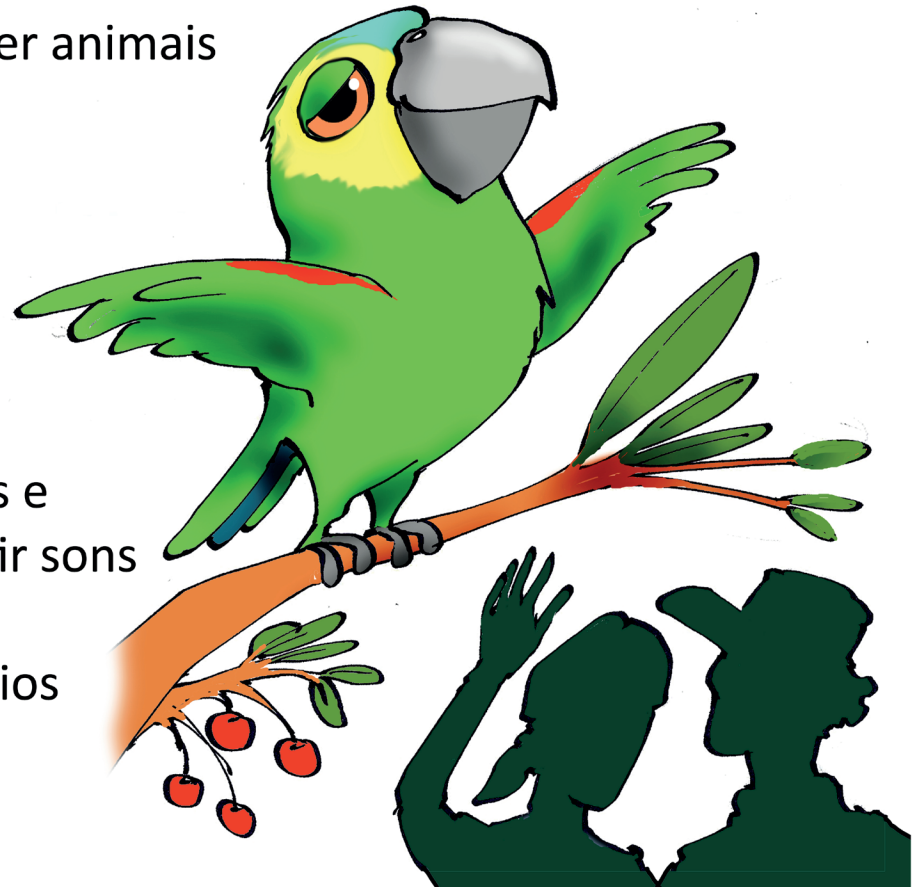
Cativo, fiquei com o coração disparado. O que seria de mim? Depois de umas andanças, senti que a caixa ficou sossegada, sem sacolejar. Prendi a respiração, com muito medo do que viria. Lílian me tirou da caixa.

Fiquei estonteado com o que vi: um lugar cheio de pássaros e, entre eles, muitos papagaios iguaizinhos a mim. Meus olhos brilharam! Eu tinha sido levado para o

Centro de Triagem de Animais Silvestres - CETAS.

Lembrei dos meus irmãos, da mamãe, de quem eu era.  
Lílian se despediu de mim, com carinho e com um olhar convicto de que estava fazendo a coisa certa. Ela, em seus estudos, aprendeu que lugar de animais como eu é na natureza e que é crime capturar, prender animais silvestres sem autorização.

Passei ali algum tempo.  
Tempo suficiente para minhas asas crescerem e para eu aprender a voar.  
Esqueci a maioria das palavras e dos palavrões. Aprendi a emitir sons naturais da minha espécie.  
Era assim: eu ouvia os papagaios mais antigos de casa e depois repetia.



Também aprendi a buscar comida nos galhos das árvores que ficavam dentro do imenso viveiro no qual eu estava, lugar chamado pelo médico veterinário Daniel de reabilitação. Reaprendi a ser da natureza e alguns meses depois fui devolvido para ela. Isso mesmo!

No dia lindo, o mais lindo de todos já vividos, fui levado até uma mata, com mais cinco amigos que fiz no CETAS.

Lá, o dr. Daniel e sua equipe abriram as portas da gaiola e nos observaram sair para voar. Voamos juntos e cantamos, experimentando a liberdade!



Naquele dia eu tive a certeza de que, lá na fazenda, vivendo dentro de casa, eu era **infeliz e não sabia**.

Lá não me faltava comida, nem água, nem couve para picotar, mas me faltava um bem que todo ser que se move quer ter: **a liberdade**.



Foi porque eu descobri isso que hoje fiz uma pausa nos meus passeios pelas matas e vim contar para vocês a minha história.

Com ela, espero que  
você compreenda  
que o melhor lugar  
para os pássaros  
é na natureza.

Conto com você  
para espalhar esse  
entendimento por aí.

Assim, as futuras gerações  
de papagaios e outros  
pássaros não correrão  
o risco de serem capturados  
e condenados a viver  
uma falsa vida alegre,  
como a que eu vivia.





Este livro faz parte da coleção denominada Empatinhas, editada e publicada em parceria com a Coordenadoria Especial de Defesa dos Animais (CEDA) do Ministério Público de Minas Gerais.

A coleção busca, como o próprio nome sugere, despertar a empatia nos leitores, colaborando para o desenvolvimento da habilidade de se colocar no lugar do outro, seja esse outro um humano ou animal. As obras têm como público-alvo crianças em idade escolar.

Nelas os animais são protagonistas e suas histórias conduzem os leitores pelos caminhos dos Direitos Animais, do bem-estar animal e do respeito a toda forma de vida.



A autora, **Samylla Mól** é professora formada em História e em Direito. Apaixonada por animais, fez da defesa deles seu trabalho, seja em reuniões, projetos, salas de aulas, palestras ou escrevendo.

Colaboradora da CEDA, esse é seu primeiro livro infanto-juvenil.

Os ilustradores - **Thalma de Oliveira Rodrigues** é formada em Belas Artes, artista plástica e ilustradora.

**Lor** é médico, cartunista e ilustrador.